

APRESENTAÇÃO

Domingo é dia de cinema é uma atividade cultural de complementação curricular para exibir filmes seguido de debates, no centro do Rio de Janeiro, a alunos de cursos Pré-vestibulares Comunitários localizados em áreas de concentração de baixa renda da periferia do Rio de Janeiro a fim de auxiliar na educação, socialização e resgate da auto-estima e valorização da cidadania.

O projeto **DOMINGO É DIA DE CINEMA** visa contribuir efetivamente para a construção de uma sociedade mais justa, participativa e democrática. Os filmes e os debatedores são escolhidos por uma comissão de participantes da atividade e se inserem no programa escolar propriamente dito.

Esta atividade se desenvolve desde 2000, sendo uma parceria entre o Estação, um grupo de Pré-vestibulares Comunitários e o Núcleo Piratininga de Comunicação, no ano de 2008 contamos com o patrocínio, para o material didático, da Petrobras. Bom filme e bom debate para todos e todas.

PACHAMAMA de Eryk Rocha

Eryk Rocha passou o mês de janeiro deste ano percorrendo 14 mil km de estradas da América do Sul. No pequeno grupo, a bordo de dois jipes Land Rover, estavam também o cientista político João Carlos Nogueira e o historiador Francisco Carlos Teixeira, entre outros. Eles partiram do Brasil pelo Centro-Oeste e a Amazônia, cortaram o Peru e terminaram na Bolívia de Evo Morales, onde a viagem, segundo Eryk, "explodiu dramaticamente. Ele filmou a geografia e os encontros com gente simples dos povoados, deixou a câmera "respirar" os ecos da cultura inca. Eu já tinha vontade de fazer uma radiografia poética do continente e investigar o que há – ou não há – de projeto cultural por trás do discurso de integração sul-americana", conta.

TEXTO 1 COLLAR DE HISTORIAS - Eduardo Galeano

El 3 de julio, los países del Mercosur otorgaron a Eduardo Galeano el título de primer Ciudadano Ilustre de la región. Éstas fueron sus palabras de agradecimiento.

Nuestra región es el reino de las paradojas.

Brasil, pongamos por caso: paradójicamente, el Aleijadinho, el hombre más feo del Brasil, creó las más altas hermosuras del arte de la época colonial; paradójicamente, Garrincha, arruinado desde la infancia por la miseria y la poliomeilitis, nacido para la desdicha, fue el jugador que más alegría ofreció en toda la historia del fútbol; y paradójicamente, ya ha cumplido cien años de edad Oscar Niemeyer, que es el más nuevo de los arquitectos y el más joven de los brasileños.

- A invasão da economia formal pela informal (os cartéis da coca, através de testas-de-ferro, passaram a controlar empresas variadas que vão desde farmácias até redes de TV, emissoras de rádio e linhas aéreas).
- O financiamento à narcoguerrilha e ao terrorismo nacional e internacional.
- Uma rede de suborno e corrupção que atravessa todo o Estado, particularmente as agências estatais encarregadas de seu controle e repressão.
- A influência política e um eficiente esquema de informação dos narcotraficantes fragmentam, geograficamente, os países produtores, constituindo enclaves políticos e militares e, em alguns casos, estabelecendo territórios livres junto com grupos guerrilheiros.
- A divisão político-administrativa criada pelo Estado é substituída por zonas produtoras de drogas, divididas de acordo com os interesses da máfia e da guerrilha, onde as leis, a autoridade e até mesmo a moeda nacional não têm validade.
- O Estado de direito, além de perder o controle sobre a economia, perde hegemonia, legitimidade e autoridade, com narcotraficantes financiando campanhas para senadores e deputados e golpes de Estado.

2. a) Economias pouco diversificadas, geralmente primárias exportadoras. São países pobres.
b) O governo quer fiscalizar as fronteiras na Amazônia brasileira para evitar uma intervenção militar externa.
4. a) Repercussão negativa com perda do principal comprador dos produtos venezuelanos, notadamente do petróleo. Isolamento no cenário econômico mundial.
b) O Brasil é a principal economia latino-americana, o maior país, o maior produtor industrial, além de sua projeção geopolítica. Demanda energética - petróleo e hidroelétrica nos rios venezuelanos.
5. a) No período colonial a terra era um bem de produção, com a produção em larga escala para atingir os mercados metropolitanos.
b) Trata-se de uma forma agregadora, inserindo os "exilados internos" ou excluídos, que encontram no narcoagronegócio, uma forma de subsistência.
c) Peru, Bolívia, Equador, Colômbia.

- | | | | | |
|---------|---------|---------|---------|---------|
| 6. [A] | 7. [D] | 8. [A] | 9. [C] | 10. [A] |
| 11. [B] | 12. [D] | 13. [A] | 14. [D] | 15. [B] |
| 17. [D] | 18. [B] | 19. [E] | 20. [E] | 23. [C] |
| 24. [C] | 27. [A] | | | |

GABARITO

1. a) A Bolívia. Em dezembro de 2005, o líder cocalero Evo Morales venceu, com maioria absoluta e apoio político e financeiro do venezuelano Hugo Chávez, as eleições presidenciais bolivianas, tornando-se o primeiro presidente de origem indígena do país. Ao assumir o poder em 22 de janeiro de 2006, a plataforma política do partido que o representa (MAS - Movimento ao Socialismo) passou a ser discutida nacionalmente e no exterior, colocando em tensão países e investidores diversos em relação ao "Risco-país" que a Bolívia passaria a representar, na economia global. Como forte opositor à erradicação do cultivo da coca defendida pelos Estados Unidos, Evo Morales diverge, frontalmente, do sistema socioeconômico capitalista, que é a força motriz da globalização econômica. Dentre os pontos mais polêmicos da plataforma política desenvolvida por Morales, destacam-se:

- A nacionalização de indústrias estratégicas e dos recursos naturais (hidrocarbonetos).
- O controle estatal total das propriedades onde estão presentes os recursos energéticos.
- A redução dos preços de produtos para o consumo de massa.
- A saúde e educação gratuitas para toda a população.
- O aumento dos impostos para as classes média-alta e alta.
- As resistências à consolidação da ALCA.
- O suporte político e administrativo ao cultivo da folha de coca, reforçando o PIB "subterrâneo".
- A redistribuição de terra.

b) Em relação à crise de governabilidade na Colômbia ligada a fatores paramilitares e/ou econômicos dos narcotraficantes, pode-se destacar:

- A fuga de divisas do país frente aos imensos lucros ilegais obtidos com a produção transformação, circulação e consumo da droga, em escala internacional.
- O financiamento ao contrabando, principalmente de armas.
- A concentração da propriedade rural (os narcotraficantes apropriaram-se de 4,3% da terra cultivável na Colômbia).
- A concentração da propriedade urbana (20% aproximadamente das transações em propriedade raiz)
- O progressivo crescimento do mercado de trabalho a serviço das máfias (250 mil empregos, equivalentes a 3% da força trabalhista do país).
- A reversão no crescimento dos PIB: o regular cresceu 3% e o "subterrâneo" 7%, nos anos de 1990 e 2000.

O pongamos por caso, Bolívia: em 1978, cinco mujeres voltearon una dictadura militar. Paradójicamente, toda Bolívia se burló de ellas cuando iniciaron su huelga de hambre. Paradójicamente, toda Bolívia terminó ayunando con ellas, hasta que la dictadura cayó.

Yo había conocido a una de esas cinco porfiadas, Domitila Barrios, en el pueblo minero de Llallagua. En una asamblea de obreros de las minas, todos hombres, ella se había alzado y había hecho callar a todos.

-Quiero decirles estito –había dicho-. Nuestro enemigo principal no es el imperialismo, ni la burguesía, ni la burocracia. Nuestro enemigo principal es el miedo, y lo llevamos adentro.

Y años después, reencontré a Domitila en Estocolmo. La habían echado de Bolívia, y ella había marchado al exilio, con sus siete hijos. Domitila estaba muy agradecida de la solidaridad de los suecos, y les admiraba la libertad, pero ellos le daban pena, tan solitos que estaban, bebiendo solos, comiendo solos, hablando solos. Y les daba consejos:

-No sean bobos –les decía-. Júntense. Nosotros, allá en Bolívia, nos juntamos. Aunque sea para pelearnos, nos juntamos.

Y cuánta razón tenía.

Porque, digo yo: ¿existen los dientes, si no se juntan en la boca? ¿Existen los dedos, si no se juntan en la mano?

Juntarnos: y no sólo para defender el precio de nuestros productos, sino también, y sobre todo, para defender el valor de nuestros derechos. Bien juntos están, aunque de vez en cuando simulen riñas y disputas, los pocos países ricos que ejercen la arrogancia sobre todos los demás. Su riqueza come pobreza, y su arrogancia come miedo. Hace bien poquito, pongamos por caso, Europa aprobó la ley que convierte a los inmigrantes en criminales. Paradoja de paradojas: Europa, que durante siglos ha invadido el mundo, cierra la puerta en las narices de los invadidos, cuando le retribuyen la visita. Y esa ley se ha promulgado con una asombrosa impunidad, que resultaría inexplicable si no estuviéramos acostumbrados a ser comidos y a vivir con miedo.

Miedo de vivir, miedo de decir, miedo de ser. Esta región nuestra forma parte de una América Latina organizada para el divorcio de sus partes, para el odio mutuo y la mutua ignorancia. Pero sólo siendo juntos seremos capaces de descubrir lo que podemos ser, contra una tradición que nos ha amaestrado para el miedo y la resignación y la soledad y que cada día nos enseña a desquerernos, a escupir al espejo, a copiar en lugar de crear.

Todo a lo largo de la primera mitad del siglo diecinueve, un venezolano llamado Simón Rodríguez anduvo por los caminos de nuestra América, a lomo de mula, desafiando a los nuevos dueños del poder:

-Ustedes –clamaba don Simón-, ustedes que tanto imitan a los europeos, ¿por qué no les imitan lo más importante, que es la originalidad?

Paradójicamente, era escuchado por nadie este hombre que tanto merecía ser escuchado. Paradójicamente, lo llamaban *loco*, porque cometía la cordura de creer que debemos pensar con nuestra propia cabeza, porque cometía la cordura de proponer una educación para todos y una América de todos, y decía que *al que no sabe, cualquiera lo engaña y al que no tiene, cualquiera lo compra*, y porque cometía la cordura de dudar de la independencia de nuestros países recién nacidos:

-No somos dueños de nosotros mismos –decía -. *Somos independientes, pero no somos libres.*

Quince años después de la muerte del *loco* Rodríguez, Paraguay fue exterminado. El único país hispanoamericano de veras libre fue paradójicamente asesinado en nombre de la libertad. Paraguay no estaba preso en la jaula de la deuda externa, porque no debía un centavo a nadie, y no practicaba la mentirosa libertad de comercio, que nos imponía y nos impone una economía de importación y una cultura de impostación.

Paradójicamente, al cabo de cinco años de guerra feroz, entre tanta muerte sobrevivió el origen. Según la más antigua de sus tradiciones, los paraguayos habían nacido de la lengua que los nombró, y entre las ruinas humeantes sobrevivió esa lengua sagrada, la lengua primera, la lengua guaraní. Y en guaraní hablan todavía los paraguayos a la hora de la verdad, que es la hora del amor y del humor.

En guaraní, *ñe'é* significa *palabra* y también significa *alma*. Quien miente la palabra, traiciona el alma.

Si te doy mi palabra, me doy.

Un siglo después de la guerra del Paraguay, un presidente de Chile dio su palabra, y se dio.

Los aviones escupían bombas sobre el palacio de gobierno, también ametrallado por las tropas de tierra. Él había dicho:

-Yo de aquí no salgo vivo.

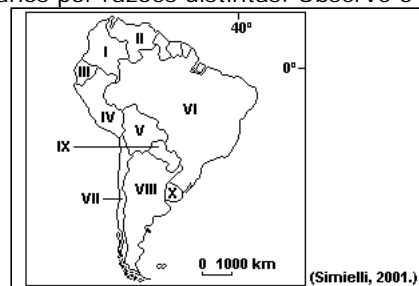
En la historia latinoamericana, es una frase frecuente. La han pronunciado unos cuantos presidentes que después han salido vivos, para seguir pronunciándola. Pero esa bala no mintió. La bala de Salvador Allende no mintió.

Paradójicamente, una de las principales avenidas de Santiago de Chile se llama, todavía, Once de Setiembre. Y no se llama así por las víctimas de las Torres Gemelas de Nueva York. No. Se llama así en homenaje a los verdugos de la democracia en Chile. Con todo respeto por ese país que amo, me atrevo a preguntar, por puro sentido común: ¿No sería hora de cambiarle el nombre? ¿No sería hora de llamarla Avenida Salvador Allende, en homenaje a la dignidad de la democracia y a la dignidad de la palabra?

Com o auxílio dos mapas e baseando-se em informações sobre a economia dos países andinos, é correto afirmar que

- os países andinos possuem economias diversificadas, de base agrícola e pesqueira, pois o extrativismo mineral representa apenas o setor econômico que mais emprega mão-de-obra.
- na agricultura, sobressaem-se as 'plantations' de milho, batata e uva praticadas em todo o território andino, às quais têm como principal finalidade abastecer o mercado interno do Chile, Peru e Bolívia.
- a economia desses países apóia-se nas atividades agrícolas e minerais, direcionadas principalmente para a exportação, com destaque para o petróleo explorado na Venezuela e no Equador.
- nos países andinos, devido à presença de matérias-primas minerais e agrícolas, a atividade industrial é muito mais significativa que a presente nos demais países da América Latina.

27. (Unifesp 2006) Muitas crises políticas afetaram a América do Sul nos últimos anos por razões distintas. Observe o mapa e responda.



Pode-se afirmar que as crises nos países

- I e II foram geradas por oposição aos Estados Unidos.
- III e VIII decorreram do ingresso em blocos regionais.
- IV e V estão associadas ao tráfico de narcóticos.
- VI e X resultaram da eleição de políticos de esquerda.
- VII e IX foram causadas pelo não pagamento da dívida externa.

As Farc e o ELN são os mais representativos grupos guerrilheiros. (...) Atualmente ocupam parte do país e nesse espaço fazem valer suas próprias leis, compondo um "Estado dentro do Estado". (Roberto Candelori - "Folha de São Paulo", 5/9/2000)



O país está indicado pelo número:

- a) 1 b) 2 c) 3 d) 4 e) 5

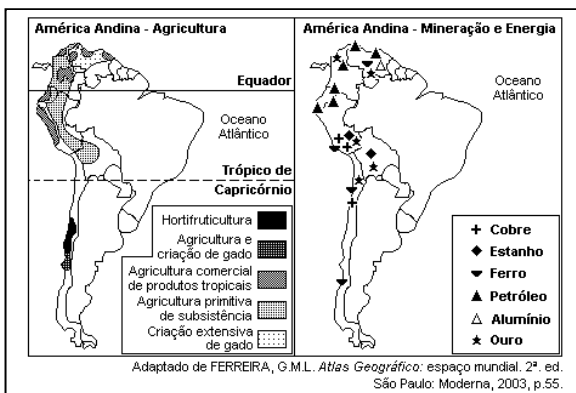
23. (Ufsm 2006) "Nas últimas décadas, o processo de urbanização tornou mais evidente o abismo entre as elites brancas e ricas, e os pobres, índios e mestiços. As divisões regionais são mais recentes. O Altiplano dos Andes, onde fica a capital é habitado sobretudo por índios que vivem da agricultura de subsistência. Algumas províncias souberam se aproveitar do processo de abertura da economia (...), para atrair capital externo e desenvolver a economia local".

"Revista Veja", edição 1909 - ano 38, nº 24 - 15 de junho de 2005. p. 79 (adaptado)

O texto se refere a um dos países mais pobres da América do Sul, marcado pela desigualdade social e pela problemática da racionalização do setor petrolífero e do gás natural, que estão na origem da crise política e institucional vigente. Selecione a alternativa que apresenta esse país.

- a) Peru b) Equador c) Bolívia d) Venezuela e) Colômbia

24. (Ufu 2006) Observe os mapas.



Adaptado de FERREIRA, G.M.L. Atlas Geográfico: espaço mundial. 2ª. ed. São Paulo: Moderna, 2003, p.55.

Y saltando la cordillera, me pregunto: ¿por qué será que el Che Guevara, el argentino más famoso de todos los tiempos, el más universal de los latinoamericanos, tiene la costumbre de seguir naciendo? Paradójicamente, cuanto más lo manipulan, cuanto más lo traicionan, más nace. Él es el más nacedor de todos me pregunto: ¿No será porque él decía lo que pensaba, y hacía lo que decía? ¿No será que por eso sigue siendo tan extraordinario, en este mundo donde las palabras y los hechos muy rara vez se encuentran, y cuando se encuentran no se saludan, porque no se reconocen?

Los mapas del alma no tienen fronteras, y yo soy patriota de varias patrias. Pero quiero culminar este viajecito por las tierras de la región, evocando a un hombre nacido, como yo, por aquí cerquita.

Paradójicamente, él murió hace un siglo y medio pero sigue siendo mi compatriota más peligroso. Tan peligroso es que la dictadura militar del Uruguay no pudo encontrar ni una sola frase suya que no fuera subversiva, y tuvo que decorar con fechas y nombres de batallas el mausoleo que erigió para ofender su memoria.

A él, que se negó a aceptar que nuestra patria grande se rompiera en pedazos; a él, que se negó a aceptar que la independencia de América fuera una emboscada contra sus hijos más pobres,

a él, que fue el verdadero primer ciudadano ilustre de la región, dedico esta distinción, que recibo en su nombre.

Y termino con palabras que le escribí hace algún tiempo:

1820, Paso del Boquerón. Sin volver la cabeza, usted se hunde en el exilio. Lo veo, lo estoy viendo: se desliza el Paraná con perezas de lagarto y allá se aleja flameando su poncho roto, al trote del caballo, y se pierde en la fronda.

Usted no dice adiós a su tierra. Ella no se lo creería. O quizás usted no sabe, todavía, que se va para siempre.

Se agrisa el paisaje. Usted se va, vencido, y su tierra se queda sin aliento.

¿Le devolverán la respiración los hijos que le nazcan, los amantes que le lleguen? Quienes de esa tierra broten, quienes en ella entren, ¿se harán dignos de tristeza tan honda?

Su tierra. Nuestra tierra del sur. Usted le será muy necesario, don José. Cada vez que los codiciosos la lastimen y la humillen, cada vez que los tontos la crean muda o estéril, usted le hará falta. Porque usted, don José Artigas, general de los sencillos, es la mejor palabra que ella ha dicho.

TEXTO 2

Lula perdeu mais uma bela chance de ficar calado quando sugeriu a Evo Morales que "negociasse com a oposição", como se fosse possível negociar alguma coisa com os grupos que querem tirar Evo na marra da cadeira de presidente. Na verdade, o que Lula e o "mainstream" brasileiro chamam de "oposição" são, na verdade, golpistas que não admitem à frente do governo boliviano um indígena, eleito por uma maioria também indígena, que ao longo de séculos tem sido espoliada pela burguesia local branca, descendentes dos colonizadores espanhóis. Os departamentos que se insurgiram contra Evo Morales se recusam a dividir as riquezas da nação com a população mais pobre e por isso vêm tentando de todas as maneiras dividir o país, seja através de referendos de autonomia, e agora ações de sabotagem contra refinarias, gasodutos e prédios públicos. Oposição? Que oposição coisa nenhuma! Tenhamos a decência que a imprensa corrupta brasileira não tem em dizer que se trata, sim, de um golpe contra um governo legitimado pelo voto de uma das populações mais pobres e vilipendiadas da América Latina.

Latuff

TEXTO 3

BOLÍVIA: A GUERRA DO GÁS CONTINUA

Dr. Carlos Walter Porto-Gonçalves¹

Ms. Marcelo Câmara²

Em outubro de 2003 a Bolívia se via diante de amplas mobilizações *callejeiras* que se aglutinaram em função da manifesta vontade do governo de então – Gonzalo Sánchez de Lozada – de exportar o gás boliviano pelo Chile, episódio que ficou conhecido como Guerra del Gás. Somente um homem que fala um espanhol com forte sotaque inglês, ou melhor, norte-americanizado, como o Sr. Goni de Lozada, seria capaz de fazer uma proposta daquele teor, ignorando não só o tempo de longa duração da história do povo boliviano que remete à perda de território para aquele país vizinho, como mostrava completa ignorância com o tempo de curta duração que, em 2000, mobilizara amplas camadas do país contra a privatização da água em Cochabamba, na chamada Guerra del Agua. A ignorância, misto de soberba e onipotência, que tão bem caracteriza a tradicional classe/etnia dominante *criollo/mestiza* boliviana não se apercebia que o conjunto de políticas iniciado pelo mesmo Goni de Lozada, em 1985, no perfeito receituário recomendado pelo Banco Mundial e o FMI, estava desabando. A quebra do setor mineral do país com o desmonte das empresas estatais fragilizaria um dos principais pólos de resistência popular no país, a histórica COB – Central Obrera Boliviana – mas engendraria um dos fenôme-

¹ Professor do Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal Fluminense e Pesquisador do LEMTO – Laboratório de Estudos de Movimentos Sociais e Territorialidades.

² Mestre em Geografia pela UFRGS e Pesquisador do LEMTO - Laboratório de Estudos de Movimentos Sociais e Territorialidades.

- b) é uma nacionalização das jazidas de hidrocarbonetos, mas que permite e quer negociar novos contratos de exploração dos recursos pelas empresas estrangeiras.
- c) a nacionalização desaloja empresas estrangeiras e garante o monopólio da exploração, refinamento e comercialização apenas para empresas bolivianas.
- d) é um ato que gerou revoltas na Bolívia, desestabilizando gravemente o governo atual, visto que as empresas estrangeiras são a única fonte de emprego no país.
- e) as ameaças militares do Brasil à Bolívia em razão da expropriação da Petrobrás levaram o país vizinho a realizar um recuo estratégico nessa ação.

17. (Uerj 2007) A copa do mundo de futebol é um campeonato entre seleções de vários países, durante o qual se observa a exaltação de sentimentos nacionais. Essa relação entre futebol e patriotismo assumiu relevância política em determinados contextos do século XX.

O país vencedor de uma Copa, sua condição política interna à época e o ano da conquista estão corretamente relacionados na seguinte alternativa:

- a) Itália / socialismo / 1986
- b) Brasil / populismo / 1970
- c) Alemanha / nazifascismo / 1930
- d) Argentina / ditadura militar / 1978

18. (Ufmg 2006) A instabilidade político-social que vem ocorrendo na América do Sul pode, segundo alguns especialistas, colocar em risco a democracia na região.

- Considerando-se essa instabilidade político-social, é INCORRETO afirmar que
- a) o PIB tem registrado em alguns países uma expansão superior à média regional, mas, em parte destes, o percentual da população que vive abaixo da linha da pobreza continua a aumentar.
 - b) a América do Sul se transformou, nos últimos anos, no principal foco de interesse externo dos Estados Unidos, o que tem estimulado manifestações populares pautadas na defesa da soberania dos países que a constituem.
 - c) a expectativa das populações em relação à implantação da democracia no subcontinente incluía a aproximação dos padrões de qualidade de vida existentes em países no Hemisfério Norte, de igual regime.
 - d) a região convive com a prática da corrupção, a interrupção de mandatos de presidentes legitimamente eleitos e o descompasso entre as propostas de campanha eleitoral e os programas sociais e econômicos implantados posteriormente.

20. (Ufpe 2001) Leia, com atenção, o texto a seguir e identifique no mapa o país descrito.

"Hoje esse país é o centro da América Latina. Pelo menos o centro de preocupações nesta parte do continente. Guerrilha, narcotráfico, paramilitares e uma latente guerra civil são os componentes explosivos dessa terra de Gabriel Garcia Márquez, cujo cenário viu nascer os 'Cem Anos de Solidão'".

- a) com a subida desse "cocalero" ao poder, a presença das transnacionais no país, principalmente as norte-americanas, deverá se tornar bem mais complexa, já que a plataforma política implementada nesse país sul-americano tem um forte teor nacionalista (principalmente em relação ao petróleo) que fere os interesses inter-nacionalistas da atual política de George Bush.
- b) a população de origem indígena do país (mais de 80%) conseguiu, depois de décadas de "governos brancos", eleger um dos seus representantes étnicos mais simbólicos, já que além da afinidade cultural, esse representante ameríndio do país andino localizado no centro da América do Sul, tem a sua origem nas tradicionais plantações de coca dos Altiplanos.
- c) o populismo de Chávez e o crescimento de sua influência política continental têm sido minados pelo discurso de algumas lideranças sul e norte-americanas que afirmam ser o atual presidente do país um incentivador do narcotráfico por beneficiar os produtores de coca como ele mesmo o é.
- d) com a chegada ao poder desse político de história controversa (pois ele tentou dar um golpe militar no país, no início da década de 1990), a nação sul-americana se dividiu entre os que o amam e os que o odeiam, e o seu discurso populista acendeu a "luz amarela" do governo norte-americano em relação à sua influência política continental de forte alinhamento cubano e do aumento do controle estatal sobre as reservas de petróleo.

13. (Puccamp 95) Este país já teve um território bem maior que o atual. Nos séculos XIX e XX perdeu o Atacama; na Guerra do Pacífico perdeu importante região que repercutiu até hoje no seu comércio. No início do século XX, perdeu o Acre para o Brasil e na década de 30, parte do território do Chaco.

O país referido no texto que, ao longo de sua história, perdeu território para os seus vizinhos é

- a) a Bolívia, país andino com parte do território na Amazônia.
- b) a Colômbia, país andino com parcela do território na Amazônia.
- c) o Peru, país andino com parcela do território na Amazônia.
- d) o Paraguai, país platino entre Brasil e Argentina.
- e) o Uruguai, país platino e "tampão" entre o Brasil e Argentina.

15. (Pucsp 2007) A Bolívia já nacionalizou seus recursos fósseis (hidrocarbonetos) por três vezes: em 1937, quando a "Standard Oil" americana detinha a totalidade dos poços no país; em 1969, foi a vez da "Gulf Oil" e a atual nacionalização envolve várias empresas como a "Petrobras" do Brasil e a "Repsol" da Espanha, por exemplo.

Sobre essa nacionalização atual na Bolívia é correto afirmar que

- a) é um ato que nacionaliza apenas a exploração de gás natural e quer chegar até a incorporação do gasoduto Brasil-Bolívia como patrimônio exclusivo da Bolívia.

nos de novo tipo que vem marcando o país, e para o qual as ciências sociais não têm um nome para caracterizar o processo, qual seja, a recampanização desse proletariado mineiro que agora se dispersava. Trata-se, na verdade, da reterritorialização camponesa desse proletariado em dispersão, sobretudo pelos vales do Chapare, quando passam a se dedicar em grande parte ao cultivo de coca. E na Bolívia, assim como no Equador, Peru, México, Guatemala, Paraguai e sul do Chile, o conceito proposto por Darci Ribeiro de indigenato, qual seja, um campesinato etnicamente diferenciado, tem enormes implicações sociais e culturais e, cada vez mais, políticas. A geografia social boliviana, assim como a equatoriana, nos ajuda a entender a força do indigenato insurgente, conforme nos ensina o antropólogo Xavier Albó, na medida em que ao mesmo tempo em que parte dos antigos mineiros que se reterritorializam enquanto camponeses seguem mantendo importantes relações com as matrizes culturais dos povos originários e com as populações urbanas em função das relações socioespaciais mantidas entre as cidades com o altiplano. O melhor exemplo disso é a população de El Alto, cidade onde está localizado o aeroporto que dá acesso à capital La Paz, que dos seus 90 mil habitantes, em 1976, tem, hoje, aproximadamente 900 mil habitantes, em sua grande maioria indígena, que mantém fortes vínculos com o vasto altiplano boliviano onde os *ayllus*, unidades territorial tradicionais, mantêm-se enquanto propriedade familiar-comunitária e estrutura sócio-política vigente (binômio *tupus-ayllus*). Na própria cidade de El Alto é marcante a reinvenção de instituições dos povos originários como é o caso das *Juntas Vecinales*, estruturas de perfil organizativo onde são nítidas as memórias dessa cultura organizacional.

Um hibridismo explosivo então se configura quando uma cultura político-sindical operária - como a rica tradição dos mineiros bolivianos - se encontra com a coca e, assim, com uma história de longuíssima duração que remete à ancestralidade indígena atualizada por meio desse campesinato cocalero que, por sua vez, está frente a frente com a intervenção imperialista estadunidense que, desde os anos oitenta, tenta impor a erradicação da coca. Uma declaração do então embaixador estadunidense Manuel Rocha, em abril de 2001, dá o tom da intervenção: "*Bolívia es el país em la región (andina) que mejor cumplió en la lucha contra el narcotráfico; (en Washington) están admirados de lo que pasó en estos tres años en Bolívia*" (La Razón, 18/04/2001, p. Política, 3-A). *Admiración* esta que não só ignora as relações ancestrais dos povos andinos com a folha de coca, como se mostra especialmente insensível às dramáticas consequências dos programas de erradicação para o campesinato chapareño. A exigência estadunidense por "*Coca Cero*", negando a reivindicação do indigenato cocalero que exigia a legalidade de parte do cultivo de coca que alegava não se vincular aos circuitos da narcoburguesia boliviano-estadunidense, mas sim à cultura ancestral quéchua/aymara e aos hábitos tradicionais de consumo, ensejará uma resposta de Evo Morales que afirmará que "*cuando hablan de Coca Cero es como si estuvieran hablando de cero de quechuas-aymaras. Es el genocidio!*". Num país em que mais de 60% da população é indígena pode-se dizer que a arrogante declaração do embaixador dos EEUU adicionava um elemento

imperialista a um movimento já em si contundente, e começava-se, aí, a construir uma liderança nacional em torno do indígena na Bolívia com forte caráter anti-imperialista.

Acompanhando um processo em curso em toda a América Latina onde a resistência contra as políticas neoliberais acabou por derrubar cerca de 20 governos desde 1989, a Bolívia terá num original movimento indígena o eixo em torno do qual um longo e exitoso processo de resistência se ensejará. O movimento indígena boliviano é original na medida em que se mostra visível antes do grande 1º de janeiro Zapatista de 1994, pois já em 1990 organiza, desde as Terras Baixas do Oriente, a Marcha pela Dignidade e pelo Território. É interessante notar que até mesmo a palavra dignidade que terá grande força no ideário zapatista constava explicitamente nos cartazes do movimento indígena boliviano, aliás mesmo título dado pelos indígenas equatorianos que também organizam sua Marcha pela Dignidade e pelo Território em 1990. O movimento indígena boliviano não só foi o primeiro a se manifestar, tornando-se nacionalmente visível, como será o primeiro a dar forma nacional às suas lutas elegendo Evo Morales em 2005.

A truculência histórica da classe/etnia dominante na Bolívia se encarregaria de oferecer os ingredientes de sofrimento com os massacres que se seguiram às mobilizações callejeras pela reapropriação social do gás em 2003 com dezenas de bolivianos sendo assassinados pelas forças militares a mando do então Presidente Goni de Lozada.

Desde 2006, quando Evo Morales tomou posse e, sobretudo depois que o amplo movimento social conseguiu maioria na Constituinte através de seu "*Instrumento para la Soberanía de los Pueblos*" – que é o MAS – *Movimento Al Socialismo* – que os setores retrógrados das classes/etnias dominantes bolivianas vêm fazendo de tudo para inviabilizar o processo democrático de mudança em curso no país, seja por meio de autonomias separatistas, seja com questões como a mudança da capital e a conseqüente inviabilização dos trabalhos da Constituinte, mas também, sobretudo, com o maciço uso da máquina midiática que desqualifica todos os dias, o dia todo, toda e qualquer medida governamental.

Cabe aqui recordar o fato de que um dos impasses cruciais nas discussões na Assembléia Constituinte foi a exigência, pela oposição, da necessidade de um mínimo de 2/3 dos votos dos constituintes para a aprovação da Carta Magna, como requisito supostamente essencial para um resultado democrático que contemplasse a vontade das minorias e aprovasse a nova constituição amplamente discutida. Essa mesma oposição, em um passado não muito distante no qual o papel oposição não lhes cabia, se regozijava no parlamento aplicando aquilo que ficou conhecido como "rodillo parlamentário", um sistema de composição de alianças esdrúxulas e/ou improváveis para a composição de 50% mais um dos votos das câmaras no parlamento, aprovando o que lhes fosse de interesse. Num interessante sinal dos tempos, hoje, quando já não são mais capazes de compor uma maioria simples que lhes atenda os desejos, tornaram-se ardorosos defensores da democracia das minorias.

10. (Fgv 2007) Evo Morales foi eleito presidente da Bolívia, em dezembro de 2005, após uma intensa crise política em que dois presidentes renunciaram. O início do mandato de Morales foi assistido com certa preocupação pelo governo brasileiro, pois ao cumprir o discurso de campanha, o presidente boliviano

- nacionalizou empresas estrangeiras de exploração de gás e petróleo, como a brasileira Petrobras.
- reivindicou a autonomia do Acre e posterior anexação ao território boliviano.
- aprovou a lei que dá soberania aos departamentos bolivianos, envolvendo os limites do território brasileiro.
- apropriou-se de empresas siderúrgicas brasileiras para depois revendê-las ao governo venezuelano.

11. (Mackenzie 2001) O presidente da Venezuela, Hugo Chávez, voltou ontem a concentrar a atenção internacional ao tornar-se o primeiro chefe de Estado a fazer uma visita oficial ao Iraque desde o fim da Guerra do Golfo, em 1991. A viagem faz parte de seu tour pelos países membros da OPEP (...)(*"O Estado de São Paulo"* - 11/08/2000)

A visita do presidente venezuelano justifica-se:

- pela necessidade de obter apoio interno, uma vez que sua eleição é contestada por vários grupos de oposição venezuelanos.
- pelo fato da Venezuela ser membro da OPEP e o 3º maior exportador mundial de petróleo e temer um aumento da produção e conseqüente queda de preços do produto.
- pela necessidade de conseguir importar petróleo a preços subsidiados, aliviando a pressão inflacionária na Venezuela.
- para tentar reduzir os preços internacionais do petróleo, favorecendo as exportações venezuelanas do produto, principalmente para os EUA.

12. (Puc-rio 2006)



Observe a charge anteriormente apresentada. Ela se refere a uma liderança política da América do Sul bastante controversa: o presidente Hugo Chávez. Em relação a ele e ao país por ele representado, é CORRETO afirmar que:

MINISTÉRIO ADMITE PIOR CENÁRIO

O Ministério das Minas e Energia afirmou ontem que o governo brasileiro está bastante preocupado com a situação na Bolívia, onde milhares de camponeses cercaram a capital, La Paz, em protestos exigindo a nacionalização do setor de hidrocarbonetos. A Petrobrás vem operando na Bolívia desde 1996 e é hoje a maior empresa do país, onde investiu US\$1,5 bilhão.

(Adaptado de SCOFIELD, Gilberto. "O Globo", 26/05/2005.)

6. A atual crise boliviana põe em discussão as contradições existentes entre o exercício da soberania de um país e a sua inserção nos fluxos globais. Uma dessas contradições, vivida hoje pela Bolívia, pode ser melhor explicitada pelo conflito verificado entre:

- a) autonomia política e privatização da produção
- b) ideário liberal e desregulamentação da economia
- c) participação popular e flexibilização da legislação trabalhista
- d) fortalecimento do Estado e nacionalização do sistema financeiro

8. (Puccamp 97) Esta questão está relacionada aos versos apresentados a seguir.

"... Quando chegam de Nova York
as vanguardas imperiais, engenheiros, calculistas,
agrimensores, peritos, e medem terra conquistada,
estanho, petróleo, bananas, nitrato, cobre, manganês,
açúcar, ferro, borracha, terra, adianta-se um anão obscuro,
com um sorriso amarelo, e aconselha com suavidade
aos invasores recentes:

Não é preciso pagar tanto a estes nativos, seria
um crime, meus senhores, elevar estes salários. Nem convém.
Estes pobres diabos, estes mestiços, iriam só embriagar-se
com tanto dinheiro. Pelo amor de Deus!
São uns primitivos, quase umas feras, conheço esta cambada.
Não paguem tanto dinheiro."

Pablo Neruda, IN "Canto Geral"

Os versos escritos, na década de 40, pelo poeta chileno demonstram

- a) o elevado grau de exploração a que foram submetidos os recursos naturais e a mão-de-obra latino-americanos.
- b) a forte associação entre os grupos nacionais e internacionais na pesquisa e exploração dos recursos naturais dos países latino-americanos.
- c) uma situação particular da América Latina que não pode ser transposta para outras áreas do mundo.
- d) uma realidade vivida pelos países andinos mas que não foi conhecida nem nos países Platinos, nem no Brasil.

Porém, mesmo com todo o apoio da mídia para tentar desestabilizar o governo durante o referendun revocatório, Evo Morales conseguiu ampliar seu apoio popular tendo passado de 53% dos votos com que se elegeu, em dezembro de 2005, para 67%, em agosto de 2008! Mesmo assim, e tendo convidado os seus oponentes ao diálogo, no que foi contestado por parte de algumas lideranças populares que exigiam *mano dura*, as classes/etnias dominantes acantonadas na Meia Lua, agora Minguante com a derrota em Chuquisaca, resistem e exigem que o Presidente abra mão de uma gestão nacional dos recursos originários - justamente dos *hidrocarbunetos* - tendo inclusive desencadeado ações terroristas contra instalações da empresa que com tanto sacrifício foi nacionalizada pelas lutas e mortes recentes de bolivianos e bolivianas no ainda vivo Outubro Sangrento da Guerra do Gás de 2003.

O interessante é que as classes/etnias dominantes capitaneadas por Santa Cruz tentam se reapropriar do gás, o elemento de uma unidade nacional que vem se constituindo a partir do indígena num país profundamente fragmentado social e territorialmente, parte do caráter *abigarrado* da sociedade boliviana, como nos ensina René Zabaleta Mercado: um "Estado aparente", incapaz de articular as diferentes temporalidades/territorialidades existentes no país.

A unidade nacional que se tenta construir a partir da reapropriação do gás natural, fruto das lutas e do sangue derramado nas ruas de El Alto, tem sua lógica subvertida pela elite *lunática* ao definir os hidrocarbonetos como recurso praticamente exclusivo daqueles departamentos de onde é extraído, discurso que logra obter um nítido apoio popular nessas regiões, sem que se apercebam de uma lógica inerente a esse processo, qual seja, a de um saudosismo pela ingerência estrangeira na administração desse recurso, afora seu anti-indigenismo histórico. A postura de não-enfrentamento direto com que o comandante em chefe das Forças Armadas vem conduzindo o processo, abdicando de prerrogativas legais diante de uma clara tentativa de secessão, deve ser entendida como parte do profundo aprendizado político democrático que o movimento indígena-camponês boliviano experimentou, onde 1952 não é uma data qualquer. A recusa a aplicar as mesmas medidas de força com as quais foram sucessivamente reprimidos ao longo da história boliviana tem seu fundamento na compreensão da importância da construção de um núcleo comum, apropriando-nos aqui da formulação do politólogo Luis Tapia, que seja resultado do diálogo entre os diferentes setores.

Que não se confunda a disposição incessante ao diálogo com fraqueza. Este governo é herdeiro e tributário de uma luta que bem começou há alguns séculos, quando as botas dos irmãos Cortés tocaram estas terras pela primeira vez. É essa memória radicalizada – não o radicalismo midiaticamente condenado, extremista e inconseqüente – mas o de uma luta que tem raízes profundas, que se expressam na defesa firme que o governo Evo Morales faz daqueles que tiveram sua história negada. E que o exemplo de El Alto insiste teimosamente em não nos deixar esquecer.

Jallalla Bolivia!

Mas uma vez me sinto no dever manifestar o meu pensamento sobre os últimos acontecimentos passados aqui na Bolívia. Para começar quero lembrar a todos que estou aqui como voluntário permanente do Movimento internacional ATD Quarto Mundo, que atua em muitos países lutando junto com as pessoas que vivem na extrema pobreza para que tenham reconhecidas sua dignidade humana. Não estou envolvido em políticas partidárias, com governo ou oposição. Apenas faço uma leitura a partir de informações que certamente não chegam até aí.

Para começar asseguro a todos que estamos muito bem e que não existe qualquer previsão de que os distúrbios possam chegar aqui a La Paz. La Paz, fica no ocidente, o altiplano boliviano que tem uma população conformada majoritariamente por pessoas de origem Aymara e Quechua. Desde a chegada dos espanhóis os povos e as terras do altiplano foram exploradas a exaustão sustentando toda a Bolívia e, durante pelo menos um século, todo o império espanhol. Na era republicana os indígenas continuaram sendo explorados e discriminados pelas classes dominantes, descendentes de europeus. Até a eleição de Evo Morales, uma pessoa com sobrenome indígena não podia entrar em uma universidade ou aceder a um posto no exército (exemplos básicos). Em Sucre (capital constitucional e um dos focos de distúrbios) alguns restaurantes proibiam explicitamente a entrada de indígenas (continuam fazendo isso na prática).

O Oriente, cuja principal cidade é Santa Cruz começou a desenvolver-se com mais força a partir da década de 70 num modelo de latifúndios agrícolas baseado na exploração e dominação dos povos indígenas dessa região (as maiores populações são de guaranis e chiquitanos). Até hoje são recorrentes os casos de trabalho escravos nesses latifúndios

As elites do país sempre governaram com mão forte, delapidando todas as riquezas naturais do país, estimulando o tráfico de cocaína (ao mesmo tempo em que combatiam o consumo da folha de Coca), com uma estrutura estatal corrupta que não atende as mínimas necessidades da população. Em alguns momentos históricos, algumas categorias profissionais, principalmente os mineiros responsáveis pela principal riqueza do país, chegaram a obter uma certa força de pressão e foram violentamente reprimidos no estilo das piores ditaduras que passaram pela América Latina.

A eleição de Evo Morales que só foi possível depois de alguns anos de fortes mobilizações sociais foi um marco importante num processo de mudança no país. Por primeira vez, num país onde quase 70% da população se identifica como pertencendo a algum povo indígena, um "índio" chegava ao cargo. E por primeira

4. (Unicamp 2000) A Venezuela tem sido presença constante na imprensa nos últimos meses. O Governo Hugo Chávez, eleito por uma frente de coalizão de esquerda, tem encontrado grandes dificuldades para executar o seu programa de governo baseado, segundo ele, nos ideais de Simon Bolívar. Chávez é crítico ao chamado neoliberalismo selvagem que vê disseminado por toda a América Latina, numa guinada anti-EUA e pró-América Latina, sendo que o Brasil é prioridade na diplomacia venezuelana.

a) Quais seriam as possíveis conseqüências econômicas para a Venezuela se fosse efetivado um rompimento com os EUA? Justifique sua resposta.

b) Por que o Brasil é prioridade na diplomacia venezuelana?

5. (Unicamp 2004) Os processos dominantes de contra-reforma agrária no continente latino-americano foram responsáveis por uma dinâmica progressiva de concentração da riqueza e, especificamente, da terra. Processos de desagregação social provenientes da excessiva acumulação de miséria resultaram na exclusão de contingentes consideráveis, tornando "exilados internos" cidadãos sem oportunidades de integração produtiva no mercado de trabalho formal. Grande parte deles são provenientes de uma expulsão estrutural do campo, cada vez mais fechado ao acesso à terra ou a políticas de reprodução da agricultura, sobretudo alimentar, o que circularmente atinge o abastecimento do mercado interno nacional de consumo basicamente popular.

(Adaptado de Ana Maria Motta Ribeiro, Sociologia do narcotráfico na A. L. questão camponesa, RJ: DP&A, 2000, p. 23).

a) Explique como a intensificação da concentração de terras se colocou como obstáculo à agricultura camponesa na América Latina.

b) Dificuldades de manutenção das famílias camponesas no campo têm reforçado o estabelecimento da prática de cultivo de plantas narcóticas como um agronegócio (narcoagronegócio). Por que o narcoagronegócio tornou-se uma atividade alternativa para os camponeses da América Latina?

c) Cite dois países da América do Sul onde o cultivo da coca (*Erythroxylum coca*) é tradicional entre os camponeses.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO

(Uerj 2006) BRASIL AVANÇA NA AMÉRICA DO SUL

A estratégia do governo de reafirmar a presença do Brasil na América do Sul, aliada ao processo de internacionalização de empresas brasileiras, está fazendo com que o apelido de "Gigante do Sul" saia dos discursos e vire realidade. A expansão econômica para os países vizinhos se deve, do lado do governo, à estratégia de reafirmar a presença do Brasil no continente e, do lado das empresas, ao caminho natural da internacionalização pela proximidade do mercado.

(Adaptado de CAETANO, Valdez. "O Globo", 23/05/2005.)

EXERCÍCIOS DE VESTIBULAR

1. (Puc-rio 2007)



A América Latina vem passando, desde o início da última década, por processos de redemocratização que reativaram projetos socioeconômicos há muito desejados pelos povos da região. Porém, existem disparidades entre os desejos por justiça social dos povos latinos e as possibilidades político-econômicas de se chegar, mais rapidamente, à justa equidade socioespacial.

Em relação a esse momento singular na região, responda às questões a seguir.

- Identifique o país da América Andina onde os movimentos sociais históricos levaram ao poder executivo do Estado Nacional um descendente de ameríndios, em 2006, e explique de que maneira a sua ação política vem colocando em xeque a globalização em seu país.
- Explique dois fatores ligados às ações paramilitares e/ou econômicas dos narcotraficantes que caracterizam a atual crise de governabilidade vivenciada pela Colômbia.

2. (Ufes 2000) Uma febre latina

A América do Sul é incendiada por crises políticas e econômicas e investidores internacionais temem que haja retrocesso. "Veja", n. 37, 15/9/99.

Problemas internos vêm ocorrendo na Colômbia e têm despertado polêmica e preocupação no Continente Americano, sobretudo no que se refere às guerrilhas, ao narcotráfico e ao governo do país. Considerando o texto acima, responda:

- Quais os problemas econômicos que se identificam de imediato nos países da América do Sul?
- Qual a principal preocupação do Brasil em relação à guerra civil da Colômbia e quais as medidas adotadas pelo governo brasileiro diante do problema?

vez os grupos dominantes se viam fora do poder central ao mesmo tempo em que perdiam a maioria no congresso.

Mas continuaram com um domínio total dos grandes meios de comunicação. E mantiveram também o poder em seus departamentos (estados), basicamente Tarija, Santa Cruz, Beni e Pando aonde estão as novas riquezas bolivianas, o gás e o petróleo. Todos os atuais prefeitos (governadores) desses departamentos são afilhados políticos do General Hugo Banzer duas vezes presidente do país (uma vez através de golpe de Estado e outra eleito "democraticamente" pelos meios de comunicação), uma das figuras más sinistras da história política do continente, sobre quem recai a culpa de inúmeros crimes de tortura, assassinato e corrupção.

Também participaram do governo de Gonzalo Sanchez de Lozada, que fugiu em 2003 para os Estados Unidos para escapar de um processo de genocídio pela morte de 64 pessoas.

Evo herdou uma estrutura estatal corrupta, falida e quase sem presença nos departamentos mais distantes, principalmente os amazônicos, Beni e Pando, aonde um pequeno número de famílias são a lei. Detém o poder político e econômico, seus filhos e protegidos fazem o que querem sem precisar se preocupar com qualquer punição. Há algumas semanas eu fui a Cobija capital de Pando, na fronteira com o Acre. Aí só é possível chegar de avião num aeroporto sem nenhuma estrutura ou em 3 dias de ônibus, saindo de La Paz, na época de seca. No próprio ambiente da cidade e nas conversas com algumas pessoas de confiança, se sente o domínio total do prefeito Leopoldo Fernandes. Ali na região da tríplice fronteira Brasil-Peru-Bolívia é de conhecimento comum o envolvimento do "cacique de Pando" como gosta de ser chamado, nos latifúndios pecuários, madeireiras e tráfico de drogas, sendo inclusive suspeito de algumas mortes cujas investigações nunca são concluídas.

Enquanto estavam no poder central essas lideranças nunca falaram em "autonomia", as propostas nesses sentidos vinham dos movimentos sociais pedindo autonomia para os povos indígenas. Agora que voltaram aos seus redutos levantam a bandeira da autonomia departamental como solução de todos os problemas. É certo que a Bolívia precisa de um processo de descentralização, mas essas propostas de autonomia tem como único objetivo manter o domínio e privilégios sobre as terras e recursos naturais dos seus departamentos. Os chamados estatutos autonômicos, que são verdadeiras constituições paralelas, desconhecem leis federais e o governo central. Uma das grandes questões é que a nova constituição traz uma reforma agrária radical e necessária impondo um limite a propriedade que afetaria diretamente suas riquezas. o outro ponto é o controle sobre os lucros do Petróleo. Pelos estatutos esses dois pontos ficariam sob controle do governo departamental.

Essa última onda de violência têm como desculpa o corte de 30% feito pelo governo sobre o Imposto Direto sobre Hidrocarburos (IDH) que é repassado as prefeituras, para pagar uma renda mensal mínima aos idosos (que até então não recebiam qualquer tipo de assistência). Essa desculpa é bem esfarrapa já que com as nacionalizações feitas pelo governo essas arrecadações aumentaram absurdamente, de modo que as prefeitura não conseguiram gastar nem 60 % desses recursos e não existe qualquer projeto ou proposta para a utilização desse dinheiro. O verdadeiro objetivo é atacar e debilitar o governo levando a dois caminhos: ou derrubar o presidente e voltar ao poder central, ou acirrar os conflitos levando a uma divisão do país. Não são poucos os que gritam "independência" pelas ruas de Santa Cruz.

O governo e agencias estadunidenses sempre estiveram presentes e influenciando em todas as etapas da política boliviana. Enquanto com uma mão oferece apoio humanitário, com a outra gera dependência, violência e miséria, para seguir com os comércios de armas, drogas, medicamentos e outras práticas. Isso até a mais ingênua das pessoas sabe que acontece em todas as partes do mundo. A expulsão do embaixador Philip Goldberg (que tem um currículo considerável como um dos marcáveis atuação nas guerras de divisão da ex-Iugoslávia), não foi um ato impensado ou irresponsável como se anuncia, ele foi alertado várias vezes sobre suas interferência na política do país e suas relações com os grupos de oposição.

Como base de sustentação para essa política de enfrentamentos e dominação, existe um aparato ideológico fortíssimo capaz de fazer inveja aos propagadores do nazismo na Alemanha. Aliás, certamente inspirada por eles. Os habitantes do ocidente (La Paz) são chamados de Kollas e do oriente de Cambas. Depois da segunda guerra mundial algumas importantes figuras do governo de Hitler fugiram para a América do Sul. Algumas delas vieram parar em Santa Cruz para onde também vieram, na década de 70, croatas fugindo do comunismo. Uma dessas lideranças nazistas foi Klaus Barbie, "o carniceiro de Lyon" que viveu 40 anos na Bolívia antes de ser capturado. essa história acaba de ser lançada em filme. Aí se estabeleceram com grandes propriedades de terra e ajudaram na disseminação de uma ideologia racista.

Durante muitos anos esse ódio ao indígena e ao Kolla seguiu latente explodindo em algumas ocasiões e se condensando em alguns grupos específicos como a União Juvenil Cruceñista e seus similares em outros departamentos.. Mili-cia fascista nos moldes da Juventude Hitleriana (da qual Barbie fez parte) que funciona como tropa de choque das oligarquias. Não têm nenhuma vergonha em exibir a suástica pelas ruas, em ameaçar e atacar pessoas de acordo com a cor da pele ou lugar de origem. As táticas utilizadas para criar esse clima de ódio entre a população são as mesmas de sempre. O medo, a ignorância, o controle da informação, a crise

Bolívia, farta de viver em função do progresso alheio, é o país de verdade. Sua história ignorada abunda em derrotas e traições, mas também em milagres como os que são capazes de fazer os desprezados quando deixam de desprezar a si mesmos e quando deixam de lutar entre si. Fatos assombrosos, de muito brio, estão ocorrendo, sem ir mais longe, nestes tempos que correm.

Cochabamba desprivatizou a água

Em 2000, um caso único no mundo: uma localidade "desprivatizou" a água. A chamada "guerra da água" ocorreu em Cochabamba. Os camponeses marcharam, saindo dos vales, e bloquearam a cidade, e também a cidade se rebelou. Respondendo com balas e gás lacrimogêneo, o governo decretou o estado de sítio. Mas a rebelião coletiva continuou, impossível de parar, até que, na investida final, a água foi arrancada das mãos da empresa Bechtel e as pessoas recuperaram a irrigação de seus corpos e de suas plantações. (A Bechtel, com sede na Califórnia, agora recebe o consolo do presidente George W. Bush, que a presenteia com contratos milionários no Iraque).

Há alguns meses, outra explosão popular, em toda a Bolívia, venceu nada menos do que o FMI. O Fundo vendeu caro sua derrota, cobrou 30 vidas - assassinadas pelas chamadas forças da ordem-, mas o povo realizou sua façanha. O governo não teve outra coisa a fazer a não ser anular o imposto sobre os salários, que o Fundo havia mandado aplicar.

Agora, é a guerra do gás

A Bolívia conta com enormes reservas de gás natural. Sánchez de Lozada chamara de capitalização a sua privatização mal dissimulada, mas o país que quer existir acaba de demonstrar que não tem memória ruim. Outra vez a velha história da riqueza que evapora em mãos alheias? "O gás é nosso direito", proclamavam os cartazes nas manifestações. As pessoas exigiam, e continuarão exigindo, que o gás seja colocado a serviço da Bolívia, em lugar de a Bolívia submeter-se, uma vez mais, à ditadura de seu subsolo. O direito à autodeterminação, que tanto se invoca e tão pouco se respeita, começa por aí. A desobediência popular causou a perda de um negócio rentável à corporação Pacific LNG, integrada por Repsol, British Gas e Panamerican Gas, sócia da empresa Enron, famosa por seus virtuosos costumes. Tudo indica que a corporação ficará na vontade, em lugar de ganhar, como esperava, US\$ 10 para cada dólar investido. Por sua vez, o fugitivo Sánchez de Lozada perdeu a Presidência. Seguramente, não perdeu o sono. Sobre sua consciência pesa o crime contra pelo menos 74 manifestantes, mas essa não foi sua primeira carnificina, e esse defensor da modernização não se preocupa com nada que não seja rentável. No fim de tudo, ele pensa e fala em inglês, mas não é o inglês de Shakespeare: é o inglês de Bush.

[*]Eduardo Galeano é escritor e jornalista uruguaio, autor de "As Veias Abertas da América Latina" e "Memórias do Fogo"

vivos. Mas os condenados à mina, que pouco duravam, geravam a fortuna dos banqueiros flamengos, genoveses e alemães, credores da coroa espanhola, e eram esses índios que tornavam possível o acúmulo de capitais que converteu a Europa no que a Europa é. O que restou na Bolívia, de tudo isso? Uma montanha oca, uma incontável quantidade de índios assassinados pelo cansaço e alguns palácios habitados por fantasmas.

O salitre fertilizou o capitalismo Europa

No século 19, quando foi derrotada na chamada Guerra do Pacífico, a Bolívia não perdeu só sua saída para o mar e ficou encurralada no coração da América do Sul. Também perdeu seu salitre. A história oficial, que é a história militar, conta que o Chile ganhou essa guerra, mas a história real comprova que o vencedor foi o empresário britânico John Thomas North. Sem disparar um tiro nem gastar um tostão, North conquistou territórios que haviam sido da Bolívia e do Peru e se converteu no rei do salitre, que, na época, era o fertilizante imprescindível para alimentar as cansadas terras da Europa.

As folhas de flandres saíam da Bolívia

No século 20, a Bolívia foi o principal fornecedor de estanho no mercado internacional. As embalagens de folha de flandres, que deram fama a Andy Warhol, provinham das minas que produziam estanho e viúvas. Na profundidade das escavações, o implacável pó de silício matava por asfixia. Os pulmões dos operários apreciavam para que o mundo pudesse consumir estanho barato.

Durante a Segunda Guerra Mundial, a Bolívia contribuiu para a causa aliada vendendo seu mineral a um preço dez vezes menor do que o normal. Os salários dos operários se reduziram a nada, houve greves, as metralhadoras cuspiram fogo. Simón Patiño, dono do negócio e amo do país, não teve de pagar indenizações, pois a matança por metralha não é acidente de trabalho. Dom Simón pagava US\$ 50 anuais de Imposto de Renda, mas pagava muito mais ao presidente da nação e a todo o seu gabinete.

Ele fora um morto de fome que acabou tocado pela varinha mágica da deusa Fortuna. Seus netos ingressaram na nobreza européia. Casaram-se com condes, marqueses e parentes de reis. Quando a revolução de 1952 destronou Patiño e nacionalizou o estanho, restava pouco mineral. Não mais do que os restos de meio século de desafortada exploração a serviço do mercado mundial.

Há mais de cem anos, o historiador Gabriel René Moreno descobriu que o povo boliviano era "geneticamente incapaz". Ele havia colocado na balança o cérebro indígena e o cérebro mestiço e havia comprovado que pesavam entre cinco, sete e dez onças menos do que o cérebro da raça branca. O tempo passou, e o país que não existe continua enfermo de racismo. Mas o país que quer existir, onde a maioria indígena não tem vergonha de ser o que é, não cospe no espelho. Essa

econômica. Os culpados de tudo são os Kollas, assim como na Alemanha eram os judeus, ou como aqui em La Paz são os peruanos. O problema sempre vem de fora.

Nesse caso o que atrai é a idéia de uma Raça Camba (explicitamente), branca, europeizada, moderna, rica e desenvolvida, contra uma massa subumana, atrasada, morena, indígena, etc.

Quando estive em Cobija estavam bloqueando a ponte que liga à cidade de Brasília no Brasil, de onde vem milhares de brasileiros para fazer compras nos fins de semana, desde Rio Branco e outros lugares ainda mais longe. Na minha cabeça não fazia sentido atrapalhar a principal atividade econômica da cidade e resolver averiguar. A coisa é que o comércio da cidade é feito por migrantes de Cochabamba, La Paz, Oruro, Potosí... ou seja de Kollas. Então o objetivo era atingir diretamente a essas pessoas, e não o governo. Conversando com uma senhora ela me falou sobre os "paros cívicos" (greves) quando elas são obrigadas a fechar as lojas como se estivessem apoiando a manifestação.

Quando perguntei como faziam isso ela me disse: "Eles vem de moto, quebram os vidros levam a mercadoria, agridem, não tem jeito".

Essa última crise é a mais violenta desde que estou aqui. A situação é grave. Já a algum tempo as pessoas vem sendo agredidas somente por que vem de La Paz, Oruro ou Potosí, porque são Ayamaras ou Quéchuas, ou porque supostamente simpatizam com o governo.

Nessa terça-feira a violência explodiu em Santa Cruz e Tarija com a invasão violenta e saques de instituições públicas, ONGs, federações de camponeses e indígenas, ataques a casas e comércios de Kollas, Instituições de apoio cubanas e venezuelanas. Nem mesmo os canais de televisão puderam maquiagem as imagens que mostravam roubos, vandalismo, linchamento de homens e mulheres.

Agora falam em confrontos entre manifestantes contra e a favor do governo. Não se trata disso, até porque os movimentos que apóiam o governo não tiveram nem tempo de se mobilizar. O que aconteceram foram ataques diretos a camponeses, trabalhadores e qualquer outra pessoas identificada por eles como sendo a favor do governo. Quando foi possível essas pessoas se juntaram para se defender.

Como no caso do mercado camponês quando chegaram jovens unionistas para invadir e saquear. Os comerciantes se juntaram não para defender o governo de Evo Morales, mas seus bens e suas vidas. Apesar de terem conseguido impedir a invasão muitos saíram feridos.

A pior situação é em Cobija, aonde segundo os jornais morreram oito pessoas, mas fontes muito mais confiáveis revelam que o número passa de 20! Além do que os jornais falam que os camponeses estavam armados e teriam atacados a funcionários da prefeitura. Nova mentira. Os camponeses não estavam e não

estão armados, seus líderes estão sendo perseguidos, não estão podendo resgatar os corpos dos companheiros vitimados, seis foram encontrados boiando no rio, entre eles o de uma mulher grávida. Um grupo de quase 15 pessoas está sendo mantido como refém. Isso foi o que eu pude saber até agora.

Para quem se preocupa com a situação da Bolívia eu dou um conselho. SEMPRE desconfiem das notícias, porque em quase 100% dos casos trazem mentiras e interpretações tendenciosas.,

Os caminhos para uma solução pacífica parecem bem difíceis. Os movimentos sociais agora também estão mordidos e prometem reagir. Cobram do governo uma posição mais dura, como a decretação de um estado de sítio e uma militarização das regiões, o que o governo se nega a fazer. Os grupos dominantes não vão abrir mão dos seus privilégios. De uma maneira eu vejo como uma elite derrotada e decadente em seus últimos esforços desesperados de manter seu domínio, mas que ainda representa um perigo muito grande para o país e para a região. É uma situação muito complicada.

Apesar disso, eu tenho fé em Deus e no povo que vai saber encontrar seu caminho na construção de um mundo melhor. Os pobres sofrem com a violência a cada dia, independentemente da situação do país. Estão cansados disso.

Querem paz. Mas uma paz com justiça, respeito e dignidade. Não vão se submeter outra vez ao jugo das elites. Nesse caminho eu vejo que não há volta. O governo de Evo tem muitos problemas, mas tem pelo menos esse logro, de fazer com que as pessoas saiam da humilhação, da vergonha e comecem a lutar por seus direitos. Com o sem o Evo vejo que esse processo não tem volta atrás. A grande maioria não me parece querer revanche ou vingança, só o direito de viver e criar seus filhos com dignidade.

Obrigado aos que tiveram paciência de ler até aqui. Quero dizer que tudo o que escrevi são opiniões pessoais e de minha inteira responsabilidade. Não representam nenhum posicionamento do movimento quarto mundo ou de qualquer outro grupo.

Quem achar que vale a pena pode transmitir para quem quiser. Também quem quiser dialogar estou sempre disposto.

Novamente volto a recorrer a minha credibilidade pessoal. Quem me conhece sabe das minhas intenções.

Um grande abraço a todos!

Eduardo Simas - Professor da Estácio de Sá

TEXTO 7

BOLÍVIA, O PAÍS QUE QUER EXISTIR

Eduardo Galeano [*]

Uma imensa explosão de gás: esse foi o levante popular que sacudiu toda a Bolívia e culminou com a renúncia do presidente Gonzalo Sánchez de Lozada, que fugiu deixando atrás de si uma série de mortos. O gás seria enviado para a Califórnia, a preço ruim e em troca de pequenas regalias, por meio de terras chilenas que, em outros tempos, foram bolivianas. A saída do gás por um porto do Chile lançou sal à ferida, em um país que, há mais de um século, vem exigindo, em vão, a recuperação do caminho para o mar que perdeu em 1883, na guerra vencida pelo Chile. Mas o caminho do gás não foi o motivo mais importante para a fúria que ardeu por todas as partes. Outra fonte essencial teve a indignação popular, à qual o governo respondeu a tiros, como é de costume, regando com mortos as ruas e as estradas. As pessoas se revoltaram porque se negam a aceitar que aconteça com o gás o que já aconteceu com a prata, o salitre, o estanho e tudo o mais. A memória dói e ensina: os recursos naturais não-renováveis vão sem dizer adeus e jamais voltam.

Por volta de 1870, um diplomata britânico sofreu, na Bolívia, um desagradável incidente. O ditador Mariano Melgarejo ofereceu-lhe um copo de "chicha", a bebida nacional feita de milho fermentado. O diplomata agradeceu e disse que preferia chocolate. Melgarejo, com sua habitual delicadeza, o obrigou a beber uma enorme vasilha cheia de chocolate e depois o fez andar de burro, montado ao contrário, pelas ruas de La Paz. Quando a rainha Vitória, em Londres soube do ocorrido, mandou trazer um mapa, riscou uma cruz a giz sobre o país e sentenciou: "A Bolívia não existe".

Potosí: a prata que não tem preço

Várias vezes ouvi essa história. Terá ocorrido dessa maneira? Pode ser que sim, pode ser que não. Mas essa frase, atribuída à arrogância imperial, também pode ser lida como uma involuntária síntese da atormentada história do povo boliviano. A tragédia se repete, girando como um carrossel: há cinco séculos a fabulosa riqueza da Bolívia maldiz os bolivianos, que são os pobres mais pobres da América do Sul. "A Bolívia não existe": não existe para seus filhos.

Além da época colonial, a prata de Potosí foi, por mais de dois séculos, o principal alimento do desenvolvimento capitalista da Europa. "Vale um Potosí", se dizia, para elogiar o que não tinha preço. Em meados do século 16, a cidade mais povoada, mais cara e mais esbanjadora do mundo brotou e nasceu ao pé da montanha que emanava prata. Essa montanha, o chamado Cerro Rico, tragava índios. "Os caminhos estavam de tal modo apinhados que parecia mudança do reino", escreveu um rico mineiro de Potosí: as comunidades se esvaziavam de homens, que, de todas as partes, marchavam, prisioneiros, rumo à boca que levava às escavações. Fora, temperaturas de gelo. Dentro, o inferno. De cada dez que entravam, apenas três saíam

A revogação de alguns prefeitos, em departamentos importantes, onde Evo ganhou esmagadoramente, pode vir a ser uma ganho para o governo, se eleger aliados na eleição complementar dentro em breve. Como Evo foi eleito Presidente mais pelos movimentos sociais do que por uma forte estrutura partidária, até agora ele só tinha dois aliados como Prefeito (Potosi e Oruro). Pode chegar a cinco.

Com a batalha de ontem, desmontou-se um possível golpe de estado da direita, que podia ter início logo após o anúncio dos primeiros resultados. O Presidente saiu fortalecido. Melhorou seu posicionamento para enfrentar a direita. Desmoralizou-se a manipulação da mídia burguesa, que vinha apresentado Evo como isolado, física e politicamente, espremido entre a esquerda e a direita. **A partir de hoje, o Presidente fala mais grosso.**

Mas a direita também fortaleceu suas cidadelas na Meia Lua, fato que não retira o separatismo da ordem-do-dia. A confirmação dos seus quatro prefeitos permite-lhe difundir uma versão própria dos resultados, um discurso de que houve um empate.

O Presidente tem agora mais fôlego e peso político para enfrentar em melhores condições alguns temas da conjuntura, como o caso da Lei de Pensões. Tem legitimidade para se locomover em qualquer parte do país – rompendo o isolamento físico que a direita lhe impôs nos últimos dias - e para negociar com os departamentos, o que não for de princípio, a partir de uma posição mais forte.

A agenda boliviana nos próximos meses vai ser marcada por dois temas que se imbricam: as autonomias departamentais e o referendo sobre a nova constituição, já redigida pela Assembléia Constituinte específica. A direita fará de tudo para evitar este referendo, pois a nova constituição vem para consolidar as mudanças progressistas.

A continuidade e o avanço do processo de mudanças – definido aqui como uma revolução democrática e cultural – vai depender obviamente da correlação de forças e do nível de consciência, de organização e de mobilização das massas populares, sobretudo da unidade operário-camponesa. Mas vai depender também da vontade política de Evo Morales, de seu governo e de seu partido (MAS), ou seja, vai depender do que o dirigente do Partido Comunista Boliviano (nosso outro PCB), Marcos Domich, chama de **"golpe do poder"**: a determinação do governo de não conciliar mais com a violência dos grupos de direita e com o separatismo, de colocar em prática os projetos do governo e de convocar o referendo da nova constituição. O momento é este; a tendência é de vitória, no mínimo por 60% de votos.

Pelo que vi até agora, isso é o que as massas populares esperam de Evo Morales: um governo para chamar de seu. Se o Presidente conciliar, ficará sem respaldo algum, nem do povo nem da direita. Ou renuncia ou cai, como um castelo de cartas. E se optar por avançar, como se espera, não nos iludamos. A radicalização vai aumentar até uma inevitável ruptura violenta.

Na Bolívia de hoje, não há espaço para a conciliação de classe.

TEXTO 5

EMIR SADER: NOVA HEGEMONIA É DESAFIO PARA A AMÉRICA LATINA

Por Raúl Dellatorre

Leia abaixo a entrevista, reproduzida da *Agência Carta Maior*.

O que está faltando aos países da região para integrar-se e avançar de forma mais acelerada rumo a um processo de transformação?

Um projeto estratégico de futuro, uma compreensão mais clara do que é a América Latina hoje, da natureza de seus regimes econômicos e sociais em função do papel do Estado. E pensar que futuro pode haver para além do neoliberalismo.

Na sua avaliação, em que aspectos se avançou?

Alguns ladrilhos dessa construção já existem, seja como realidades ou como menções no discurso. O Banco do Sul, a idéia de uma moeda única, o Banco Central único, tudo o que significaria uma política econômica única, são elementos importantes. Mas, ao mesmo tempo, é preciso discutir que modelo de sociedade queremos e isso significa pronunciar-se a favor de uma sociedade desmercantilizada. Discutir que tipo de Estado queremos, propondo um Estado que não esteja dominado pela financeirização. Definir que tipo de cultura, que identidade e diversidade cultural devemos ter. Dizer que tipo de espaço alternativo criamos, por fora da hegemonia unipolar norte-americana.

O que implica tudo isso?

Esse processo implica não somente integração econômica e social, mas também tecnológica, cultural, educacional, midiática e de estruturas políticas. Existe um esboço de parlamento latino-americano, mas ainda estamos muito longe de ter estruturas supra-nacionais de caráter latino-americano ou sul-americano. O tema, poderíamos dizer, agora é político, é discutir futuras relações de poder. Que tipo de sociedade, que nova hegemonia queremos construir. Aparentemente, alcançar esses objetivos exigiria um salto de consciência importante das sociedades e de sua classe política, uma mudança em relação ao paradigma neoliberal da década anterior. Nesse sentido, que papel estão desempenhando os intelectuais da América Latina, sejam eles economistas ou cientistas sociais? Temos uma trajetória extraordinária do pensamento crítico latino-americano. A grande virada foi a crítica que a Cepal fez à teoria do comércio internacional, que deu a volta ao mundo, e pensou o intercâmbio a partir da periferia e as formas de desenvolvimento desigual, de intercâmbio desigual. Foi pensar na acumulação a partir da periferia, com todas as debilidades deste processo. A grande novidade histórica da segunda metade do século passado, em termos econômicos, foi a industrialização da periferia. Até aí, esse era um tema monopolizado pelo centro. A periferia era agricultura, mineração, pecuária e nada mais.

Quais foram os efeitos dessa virada?

Essa mudança no pensamento econômico elevou o nível de identidade nacional, colocou a relação com as potências imperiais em um nível superior. O nacionalismo foi o grande fenômeno do século passado na América Latina. Com tons

anti-imperialistas maiores ou menores, segundo o caso. Mas foi concebido pela intelectualidade, E, em anos recentes, várias teorias elaboradas nessa época ajudaram a pensar a ação política dos novos governos na região. Mas não em todos os casos.

Poderia dar exemplos dos dois casos?

Na Bolívia, deu-se por meio de um grupo pequeno de intelectuais, chamado "La Comuna" (do qual surge o atual vice-presidente, Álvaro García Linera). Um núcleo de acadêmicos articulou-se fora da Universidade e ajudou o movimento indígena a repensar sua identidade, sua trajetória. A fazer uma auto-crítica da esquerda boliviana, de seu passado. No Equador, também há setores intelectuais que estão articulados entre si e com o processo político. Na Venezuela, em troca, dá-se um processo de mudança com uma ausência enorme de uma intelectualidade que ajude a pensar esse processo. E isso é grave.

E como você classificaria os casos da Argentina e do Brasil?

São dois países com uma trajetória intelectual muito maior do que a dos que citei anteriormente, com muito mais raízes no pensamento crítico. No entanto, hoje mostram uma ausência relativa desta intelectualidade nos temas políticos, ideológicos, culturais e econômicos, uma ausência muito grave.

Venezuela, Brasil, Argentina. Está falando dos países economicamente mais fortes e relativamente mais desenvolvidos e são os que apresentariam maiores debilidades no plano intelectual para promover uma mudança.

Minha conclusão é que o conjunto da intelectualidade, não apenas seu pensamento crítico, foi pega de surpresa pelo atual período histórico. Aparece como a voz de menor resistência aos sistemas de dominação, ficando muitas vezes atrás dos movimentos sociais. É preciso destacar que a América Latina foi território de várias teorias avançadas do pensamento crítico em décadas anteriores, mas hoje não encontramos a expressão de muitas dessas teorias no movimento político latino-americano. Não estão ajudando a pensar o processo contemporâneo.

Qual foi o comportamento desses pensadores?

Pode-se perceber que muitos intelectuais do pensamento crítico de outra época terminaram aderindo ao neoliberalismo, porque viam essa tendência como algo inevitável. E quando se vêem as coisas assim, isso marca o que será feito. Fernando Henrique Cardoso foi um brilhante intelectual de esquerda nos anos 60, mas seu governo nos 90 não foi distinto do de Menem. E eu não diria, tomando as coisas em seu conjunto, que é uma postura de direita, mas sim um conformismo histórico. Outra parte da intelectualidade ficou refugiada em posições que eu chamaria de ultra-esquerda, posições que estão descoladas do processo real. A ultra-esquerda tem uma capacidade crítica enorme, mas nunca conseguiu construir processos de transformação revolucionária.

Neste debate sobre os governos e as políticas na América Latina, muitos pensadores e dirigentes de esquerda seguem julgando como governos de direita a aqueles que não produziram uma ruptura com o neoliberalismo.

Há uma postura que tende a tomar determinados aspectos da realidade e absolutizá-los, perdendo assim a objetividade. Hoje a divisão fundamental não é

entre uma esquerda boa e uma esquerda má. Essa é uma postura de direita que divide a esquerda. A linha é entre os que estão a favor do projeto de integração regional e os que estão a favor de tratados bilaterais de comércio com os Estados Unidos. No marco daqueles que defendem a integração regional, há alguns que avançaram rumo à ruptura do modelo, como Equador, Bolívia e Venezuela. Outros, como Brasil e Argentina, conseguiram flexibilizar o modelo, e aí está seu mérito. Tudo o que é feito para a manutenção do modelo anterior no Brasil e na Argentina é negativo. Mas a política externa é positiva, a política social é positiva. E isso vale.

Não está justificando-os?

Não, mas é preciso dar-se conta que ainda que tenham ocorrido avanços importantes na América Latina, vivemos em um mundo de hegemonia neoliberal: hegemonia econômica, de valores, na relação de força social. Não se pode esquecer que o neoliberalismo colocou todo o movimento popular na defensiva. A luta contra o modelo, por conseguir por em contradição seus paradigmas, deu-se contra a direita e desde posições anti-neoliberais que não eram de esquerda. Conseguimos ter governos com traços contraditórios e isso foi o resultado da luta, de uma luta exitosa. A alternativa era ter governos de direita, não de esquerda.

Publicado em 27/08/2008

TEXTO 6

REFERENDO REVOGATÓRIO NA BOLÍVIA:

EVO GANHA UMA BATALHA, MAS A GUERRA CONTINUA

Ivan Pinheiro

Escrevo de La Paz, após o referendo, cujo resultado oficial só será conhecido dentro de uma semana. A votação e a apuração ainda são manuais por aqui. Têm sido divulgadas algumas pesquisas de boca-de-urna e projeções, a partir de poucos votos apurados. Portanto, nada até agora é oficial.

A julgar por todos os prognósticos, Evo Morales será consagrado em meio a seu mandato, com mais votos (mais de 60%) do que quando foi eleito Presidente, em 2005 (53%). Na Meia Lua, Evo ontem teve em média, 40% dos votos; nos demais departamentos, cerca de 80%.

As projeções sobre a votação dos prefeitos indicam que dois terão seus mandatos revogados (La Paz e Cochabamba), que se apresentam como oposição centrista independente. Em Oruro, a disputa é acirrada. Cinco prefeitos foram confirmados, sendo que quatro fazem oposição radical a Evo e lideram o "autonomismo", eufemismo para disfarçar o separatismo (Santa Cruz, Beni, Pando e Tarija, todos da Meia Lua) e o quinto é prefeito do MAS, da base de Evo Morales (Potosi). O nono departamento (Sucre) só votou com relação ao mandato presidencial, pois a Prefeita (oposição independente) foi empossada recentemente, em função da cassação do prefeito eleito.